

KAMAU, O GUERREIRO QUIETO

Tatiana de Araujo Stumpf

A caravana composta por infantes surge coesa.

Corta a selva sustentando artilharia de fogo para alvejar a carne dos inimigos e engatilhar silêncios no ar.

Passos ritmados, rápidos e duros, tamborilam com determinação ao percorrer as íngremes savanas no seio da mãe África.

A noite em agonia deixa vicejar um cenário avermelhado. É descortinada a vegetação rasteira que sobrevive na aridez da terra em obstinada renúncia a qualquer plantio.

Pequenos arbustos tremulam rasgados por um cor de rosa antigo, como num prenúncio do azul intenso que brevemente será dominado pelo sol.

O calor escaldante já nas primeiras horas da manhã conduz os meninos e seu chefe ao regaço de uma cascata. Como num oásis regido pela vida em movimento, os trinados, os silvos, o farfalhar das folhagens levadas por carrosséis de vento, assim como a dança dos lagartos de descendência pré-histórica sobre os lisos cascalhos da nascente, são em parte absorvidos pelo gutural murmúrio da água corrente.

Água que abastece os cantis, refresca e hidrata o corpo na concha das mãos, num carinho permitido, sem ensaios.

Kamau em seu pseudo-mutismo compartilhado com os meninos-guerrilheiros conserva os sapatos abotonados atados mesmo ao banhar-se. Isso provoca estranhamento no olhar do amigo, cúmplice da natureza com os pés descalços.

Mais tarde, ávidos de fome, eles circundam a fogueira improvisada com desenvoltura no exercício cotidiano da sobrevivência. Cascas e raízes cruzam as labaredas na ansiedade pela energia que aos poucos revigora os corpos fragilizados, corroídos pela falta de um abrigo adequado às necessidades do homem.

Corpos alheios ao seu desenvolvimento físico, empenhados em uma irresoluta disputa por territórios, pelo sentimento nacionalista de pertencimento negligenciado até então.

Atravessando o capinzal alto a caravana bélica movimenta-se quase às cegas.

As vestes militares tão desgastadas são tingidas por uma tonalidade ocre.

Camuflagem pesada oriunda de uma alquimia forjada por terra, desamparo, suor, ódio e sujeira.

Com olhos vidrados pela tensão prévia ao embate, os meninos conservam-se estáticos.

Apenas as pupilas gritam, dilatadas, antevendo o abrir fogo com sua chuva de estampidos secos.

Próximo dali a poeira enovela-se cobrindo a estrada, que serpenteia estreita e tortuosa, desenhando caminhos de ir e não voltar.

Crescente, uma saudação rouca e monótona é produzida pelo velho motor do castigado jipe que estaciona.

A morte desembarca escoltada por rádios comunicadores, urubus eletrônicos trazendo agouro.

Inimigos com quepes vermelhos vomitam balas golfadas pelos canos de aço em riste.

O corpinho tomba.

A cabeça sobre o gatilho reconhece a visita do medo, gelado. Olhos secos assistem o protagonismo do fim, antes mesmo do próprio começo ter sua chance de atuar, transmutando a etapa da infância.

A lua cintila cheia.

Preso no cárcere da noite, Kamau e os três companheiros restantes são guiados pelos trilhos enferrujados de um trem.

Deslizam como que num cortejo inoficial, sem o transporte do corpo. Indagado insistenteamente a partir dos pios das corujas selvagens, daquelas que ostentam com majestade uma plumagem de nuvem e os olhos de botão.

Tal marcha insone os conduz ao vilarejo. Rústico e quase esquecido, não fossem alguns sobreviventes ao extermínio inclemente travado contra seus iguais, por ideologias divergentes.

Kamau, experiente em emudecer lamentos, vagueia entre os casebres de barro, cobertos por palha.

Vasculha com seu coração paredes ocas, buscando tesouros sepultados com zelo, protegidos por um corte retangular de fazenda branca. Envoltório de um brincar nunca inaugurado. Projeto imaculado, santo, quimérico.

O colarzinho de contas peroladas, o bodoque artesanal e os poucos lápis coloridos com suas pontas afiadas aguardam a vez de riscar sem pressa os segredos encastelados na infância.

Fortalecido pelo vislumbre do rico tesouro Kamau é convocado para um engendrar violento, planejado na trincheira localizada entre as pedras que compõem a geografia do relevo sul-africano.

A explosão da amaldiçoada vila exige controle, observação astúcia e sangue frio. Uma vingança aos desgraçados que os expulsaram de suas terras, de seu país e extirpam sua dignidade, apenas por não partilharem das mesmas origens.

Enquanto espera pelo encerramento das atividades no vilarejo, Kamau observa crianças entregues a um cirandar cadenciado por palmas estaladas num entrosamento festivo e redentor.

Meninas e meninos, num caleidoscópio giratório de trajes coloridos, entoam absortos suas cantigas.

De seu lado, surdo, Kamau reposiciona-se em seu forte de pedra, contraindo o semblante com austeridade ao empunhar sua arma.

O amigo, fardado por responsabilidades muito além do seu entendimento, aproxima-se e solicita fogo para aliviar-se com morosas tragadas de fumo.

Questiona Kamau pelo seu silêncio habitual, perguntando também sobre seu tempo como engajado na guerrilha.

Kamau interpelado, responde o essencial sendo fiel ao seu sistema de economia de palavras. Postura aprendida durante o ano e meio em que cumpriu suas funções bélicas, submisso às ordens do chefe.

Uma moral heterônoma exemplar.

Conta que quando em sua chegada ao grupo, existiam onze guerrilheiros.

Cada morte era seguida de imediata substituição, em uma matemática extenuante pelas excessivas subtrações.

Dos mais antigos apenas Kamau e seu chefe, quem explica as estratégias de ataque.

Pela manhã, quando todos estiverem no interior dos dois maiores prédios cada um será alvejado por mais uma missão.

Para Kamau restou o intento de invadir e esconder uma bomba acondicionada em uma mochila no interior do prédio de cor amarela.

Esgueirando-se cuidadosamente por entre as construções polidas pelo abandono, os meninos implementam suas respectivas ações táticas.

Kamau arrebenta a corrente presa ao cadeado com agilidade, penetrando juntamente da luz da manhã no ambiente escuro e misterioso.

Fecha a porta, retira o artefato bélico da mochila e caminha com vagar, explorando o local atentamente.

Simula por diversas vezes o detonar da bomba emitindo o som da explosão incrustado na memória. Constrói assim seu esquema para o encorajamento, convencendo-se da necessária efetivação da tarefa que lhe coube.

Nas paredes, opacizadas pela penumbra, os desenhos dos alunos retratam uma natureza colorida de inocência, contemplada agora, por um olhar carente de autoria.

O boneco-palhaço sentado no armário de livros com suas vestes em cetim azul e dourado, nunca antes lhe fora apresentado.

O globo bem posicionado na mesa do professor, reproduzindo o mapa do mundo, nunca pode ser pensado com gratidão.

Tudo lhe fora negado.

O suor escorre pela fronte de músculos enrijecidos por uma angústia já íntima, que imobiliza.

O retrato da turma de alunos pendurado na parede resgata a lembrança quase audível, das cantigas outrora compartilhadas pelos mesmos entre os seus.

No quadro-verde, perguntas viúvas de respostas remetem ao compromisso protelado para o dia seguinte.

Finada a leitura, Kamau solta o artefato perigoso que reclama num tiquetaquear contínuo de mantra metálico e funesto, tendo como altar uma velha carteira escolar. Segurando o pedaço de giz entre os dedos finos registra sua passagem pela vida com convicção.

Registra seu saber, sempre emudecido.

Carrega seu silêncio até a cadeira onde deposita seu corpo com lentidão.

Relê as perguntas, sem mais a urgência do dia seguinte para serem salvas da dúvida que destrói.

E depois de muitos passos despe-se dos sapatos abotonados, desnudando uma alma ferida, hemorrágica.

Os lamentos represados transbordam pelos olhos translúcidos de emoção.

No esboço de um sorriso, Kamau repousa a cabecinha leve sobre o artefato que silencia de imediato.

Numa espécie de trégua.

Talhada por um tanto de torpor, lucidez, dor e felicidade.